

6^o
CICLO DE
CONFERÊNCIAS
LISBOA
XXI
2017

AS CIDADES DA CIDADE LISBOA EXIBIDA



ANTOLOGIA
DE ENSAIOS

COORDENAÇÃO: PAULA ANDRÉ

No âmbito da investigação da linha temática "Imagens das Realizações Materiais", do Projecto "Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)

PTDC/CPC-HAT/4633/2014



DINAMIA'CET
CENTRO DE ESTUDOS SOBRE A MUDANÇA
SOCIOECONÓMICA E O TERRITÓRIO
ISCTE IUL

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



AS CIDADES
DA CIDADE
LISBOA EXIBIDA

ANTOLOGIA
DE ENSAIOS

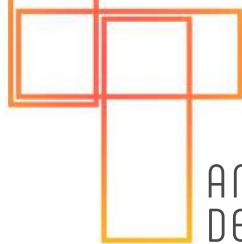
FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: DINÂMIA'CET-IUL - ISCTE-IUL
DESIGN GRÁFICO: BRUNO VASCONCELOS

ANO: 2017

ISBN: 978-989-8862-83-9

AS CIDADES
DA CIDADE
LISBOA EXIBIDA



ANTOLOGIA
DE ENSAIOS

VI Ciclo de Conferências LISBOA XXI
Exposição
Antologia de Ensaios
11 Maio de 2017, Auditório C103 - Sala de Exposições,
ISCTE-IUL

Coordenação

Paula André (ISCTE-IUL - DINÂMIA'CET-IUL)

Organização

DINÂMIA'CET-IUL

Comissão Executiva

Bruno Vasconcelos

Fátima Santos

José Oliveira

Maria João Machado

Maria José Rodrigues

Mariana Leite Braga

Paula André

Comissão Científica

Ana Barata (FCG - Biblioteca de Arte)

António Miranda (CML-DMC-DPC-Divisão de Salvaguarda
de Património Cultural)

Filomena Serra (FCSH-UNL - IHA)

Margarida Brito Alves (FCSH-UNL - IHA)

Paula André (ISCTE-IUL - DINÂMIA'CET-IUL)

Paulo Simões Rodrigues (EU - CHAIA)

Ricardo Lampreave (Universidad Zaragoza)

Conferências

António Miranda (CML-DMC-DPC-Divisão de Salvaguarda
de Património Cultural)

Luís Filipe Rocha (Realizador)

Ricardo Lampreave (Universidad Zaragoza)

Desenho e montagem da Exposição

Alexandre Saragoça

Bruna Moreira

Catarina Costa

Helga Sousa

Inês Miranda

Joana Benedito

José Oliveira

Luísa Almeida

Maria Carolina

Margarida Marino

Marta Sá

Patrícia Amorim

Paula André

Paulo Góis

Exposição

Alexandre Saragoça

Ana Barata

Ana Mendes

Bruna Moreira

Carla Duarte

Catarina Costa

Francisco Freitas

Helga Sousa

Inês Miranda

Inês Raposo

Inês Gonçalves

Joana Benedito

Joana Rodrigues

João Francisco

Luís Santos

Luísa Barreiros

Mafalda Raposo

Maria Lucas

Marta Sá

Paula André

Paulo Góis

Rita Pereira

Sara Paiva

Sofia Fernandes

Teresa Morais

Índice

- 04 - **As Paredes Contam Histórias – Como manter viva a história de uma comunidade.**
Alexandre Cortez Pinto
- 29 - **A cidade em discussão na viragem do século 20: as propostas de melhoramentos para os bairros antigos, o problema da habitação para classes populares e o aparecimento dos bairros de barracas em Lisboa.**
Ana Barata
- 45 - **Transformações urbanas de Lisboa: os lugares da Feira Popular.**
Bruna Moreira
- 60 - **Uma Nova Dinâmica Para Lisboa: A Linha Ferroviária Lisboa-Cascais.**
Bruno Filipe de Brito
- 73 - **Do Largo de São Sebastião da Pedreira à Rua de Santa Marta – o contributo de Norberto de Araújo.**
Carla Duarte
Paula André
- 97 - **“Armadilhas” e “tesouros” da Lisboa exibida nos anos 30, através de algumas imagens do álbum fotográfico Portugal 1934. Notas a um dos primeiros foto-livros portugueses.**
Filomena Serra
- 107 - **Visões de Lisboa (1854 - 1930): Alfredo de Andrade e Pierre Joseph Pézerat.**
Joana Rodrigues
Paula André
- 130 - **Bairro de Alvalade: Velha e Nova Lisboa.**
João Francisco
Paula André
- 156 - **As Cidades de uma Lisboa filmada: das primeiras fitas ao novo cinema português.**
Luís Santos
Paula André
- 171 - **Lisboa: espaço, forma e imagem na intervenção urbana dos séculos XVIII e XIX. A leitura de Pedro Vieira de Almeida.**
Margarida Marino
Paula André
- 188 - **A Cidade em debate: Diário de Lisboa de 1933.**
Paula André
- 206 - **A cidade e a experiência do digital.**
Sara Eloy
- 217 - **Elevador do Castelo em Lisboa: laço entre diafragmas históricos.**
Stefania Stellacci
Paula André

A Cidade em debate: Diário de Lisboa de 1933¹

Paula André
ISCTE-IUL-DINÂMIA'CET-IUL
paula.andre@iscte.pt

Resumo

Como filme constante que a cidade é, e sublinhando o papel da palavra e da imagem na formação de consciências patrimoniais e na construção de valores identitários, a análise *A Cidade em debate: Diário de Lisboa de 1933* tem o propósito de dar a ver como a imprensa foi instrumento e documento da construção da cultura urbana de Lisboa. A acção da Câmara Municipal de Lisboa e do Ministério das Obras Públicas nos domínios da urbanização e da promoção habitacional foi devidamente montada e documentada nos jornais diários como o *Diário de Lisboa*, através de entusiásticas notícias da capacidade realizadora, e muito particularmente do debate em torno da modernização da capital, para o qual são convocados os arquitectos, que exprimem e exibem os seus desejos e os seus projectos para Lisboa. A análise permite também colocar em confronto as obras realizadas e as obras idealizadas, e os respectivos discursos, reveladores da cultura arquitectónica, urbana e ideológica. No conjunto de notícias sobre a cidade de Lisboa em debate, fica claramente exibido o valor da palavra como imagem e como criação de uma memória colectiva.

Palavras-chave: Lisboa, Diário de Lisboa, Obras Públicas, Plano de Urbanização

“A nova política, nova arquitectura”
(Victor D’Ors, 1938)

“Conceptualmente, podemos chamar verdade àquilo que não podemos mudar;
metaforicamente, ela é o solo sobre o qual nos mantemos e o céu que se estende por
cima de nós”
(Hannah Arendt, 1967)

“Hoje na política há mais emoções que argumentos”
(Boaventura Sousa Santos, 2017)

Em época de desmemória (Joan Fontcuberta) e de complexo e denso quadro conceptual e terminológico – Cidade difusa (Francesco Indovina); Cidade genérica (Rem Koolhaas); Cidade compartimentada (Peter Marcuse); Cidade global (Saskia Sassen); Cidade dispersa (Alex Wall); Cidade em rede (Giuseppe Dematteis); Cidade de bits

¹ No âmbito da investigação da linha temática “Imagens das Realizações Materiais”, do Projecto “Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974) - PTDC/CPC-HAT/4533/2014.

(William J. Mitchell); Megacidade (Peter Hall; Gayatri Chakravorty); Reverse city (Paola Viganò); Edge city (Joel Garreau); Poscidade (Melvin M. Webber); Metapolis (François Ascher); Posmetropolis (Edward W. Soja); Reino do Urbano (François Choay); Tecnoburbio (Robert Fisham); Territórios inteligentes (Alfonso Vergara); Territórios in-between (Thomas Sieverts); Territórios entre-soi (David Mangin); Periferia esplendida (Manuel de Sòla-Morales) –, e que vivemos na cultura do impacto e da pós-verdade, a palavra e a imagem são meios de descobrir e construir verdades insuspeitas, potenciando e ampliando um olhar radiográfico sobre a cidade.

A realidade urbana actual tem sido tema de investigação e reflexão em monografias e ensaios, plataformas e laboratórios, exposições e seminários, que a partir de uma caracterização do presente ambiente construído e trabalhando numa convergência dos saberes (arquitetura, urbanismo, geografia, economia, história, antropologia, filosofia, sociologia, arte, design...), procuram debater visões prospectivas das quais resulta um vasto reportório conceptual que constrói a história urbana (André, 2015, p. 91). As terminologias urbanismo ecológico, design, resiliência, reciclagem, criatividade, sustentabilidade, e mundialização tornaram-se conceitos operativos dos novos territórios urbanos que constituem as cidades e motores instigantes para pensar e desenhar o futuro (André, 2015, p. 92). Consideramos que é necessário ler a emergência da nova geografia da cidade, analisar as novas “geografias das margens” (Campos, 2004: 43), conhecer o organismo cidade e assumir a cidade como produtora de conhecimento. É necessário entender como pensam as cidades (Glaeser, 2011).

Hoje tal como refere o arquitecto e urbanista José Fariña Tojo “advinham-se tempos de ajustes” chamando a atenção que depois de uma tremenda “diástole urbana produzida no século passado, vê-se chegar uma sístole”, imprescindível para que o “coração do planeta continue funcionando”, alertando ainda para a necessidade de um regresso “à cidade local” (Fariña Tojo, 2015). Mas consideramos que o ajuste deve ter em conta que a cidade é ao mesmo tempo a *urbs*, a *civitas* e a *polis* (Capel Saez, 2003, p. 9-22), isto é, que qualquer ajuste deve ter presente esta tríade matricial. Tal como salienta Laurajane Smith um dos paradoxos do património é que “no acto de inclusão haverá, quase que por definição, um acto de exclusão” (Brett, 1996; Graham et al., 2000; Graham, 2002), não deixando igualmente de denunciar que o património pode ser tanto “um impulso progressivo” como um impulso “reaccionário de conservação” (Smith, 2011, p.60). A modernidade da cidade assenta precisamente no diálogo com o passado, devendo o passado estar presente (Bender, 2001), e é esse diálogo que entendemos estar presente na história urbana da Lisboa, e a par desta consciência deve também estar presente a consciência sublinhada por Laurajane Smith de que o “«património» não é uma «coisa», lugar ou evento intangível, e sim um desempenho ou processo cultural relacionado à negociação, criação e re-criação de memórias, valores e significados culturais”, sendo esse processo “obscurecido pelo discurso autorizado sobre o património” (Smith, 2011, p. 40).

A história urbana de Lisboa revela-nos que sempre existiu na cidade uma morfologia ininterrupta e mutante (André, 2015, p.106). A análise do processo e da construção de narração de uma realidade através do uso privilegiado da fotografia revela o processo de construção de uma imagem da cidade. Em época de “deslocalização sem movimento” (Bourdin, 2011, p.105), considerando que o lugar é um espaço praticado (Certeau, 2011), consideramos que é necessário cartografar e compreender as cidades da cidade

para num processo colaborativo projectar Lisboa. Ser moderno é para além de questionar o passado, dar-lhe continuidade.

Em 1933², ano em que Joaquim Manso lança o repto da construção do Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres³, o *Diário de Lisboa* publicava o artigo *Lisboa carece duma urbanização condigna*, alertando para a falta de um “projecto geral de desenvolvimento urbanístico de Lisboa”⁴, e anunciando que o jornal lançaria uma série de entrevistas a arquitectos e críticos de arte, integradas na campanha *Modernizemos a Capital!*.

Chamando a atenção para as condições geográficas da capital, particularmente os seus domínios panorâmicos, o articulista Santos Vieira propunha que se construíssem diversos bairros económicos à semelhança do bairro *Rundling*, referindo-se certamente ao projecto do arquitecto alemão Hubert Ritter, construído em 1929-30 na cidade de Leipzig.

² Início do período do Estado Novo, entra em vigor a Constituição Política da República Portuguesa, terminando o período designado por Ditadura Militar. Publicação da obra *Salazar, o Homem e a sua Obra*, colectânea das entrevistas que António Ferro fez a Salazar e que haviam sido publicadas em 1932 no *Diário de Notícias*. Duarte Pacheco procede à reorganização do Conselho Superior de Obras Públicas, 5 secções: Estradas e Caminhos-de-ferro na 1ª secção; Portos na 2ª secção; Hidráulica Fluvial e Agrícola na 3ª secção; Urbanização e Salubridade na 4ª secção; Electricidade na 5ª secção (Decreto-lei nº 23 398 de 23 de Dezembro); no Conselho Superior de Obras Públicas teriam assento os arquitectos Carlos Ramos e Pardal Monteiro, “competia à sub-secção de Urbanização emitir parecer sobre projectos de construção de edifícios públicos importantes, quer do estado quer das corporações administrativas, sobre planos de urbanização, compreendendo especialmente o traçado de novas avenidas, ruas, largos, praças, parques, etc, ou modificação das actuais, nas cidades, vilas e quaisquer povoações com mais de 5000 habitantes ou que fossem consideradas zonas de turismo” (Decreto-lei nº 23 398 de 23 de Dezembro). Nomeada uma comissão encarregada de estudar a Urbanização e o Plano de Melhoramentos da Cidade (engºs: António Emídio Abrantes; António Nunes Freire; Álvaro Fontoura; arqºs: Henrique Taveira Soares; João António Piloto e dr. Alberto Gomes), cuja presidência foi confiada ao Vogal do Pelouro da Arquitectura, Luis de Macedo. Criação dos *Planos de Urbanização Camarários* (que substituem os Planos Gerais de Melhoramentos). Criação do *Secretariado de Propaganda Nacional-S.P.N.*, António Ferro 1º director (colaboradores: José Rocha, Carlos Botelho, Paulo Ferreira, Bernardo Marques, Fred Kradolfler, Tomás de Melo, Emérico Nunes, Maria Keil, Estrela Faria, Matos Chaves, Manuel Lapa, Carlos Rocha, Eduardo Anahory, António Soares, Jorge Barradas, Roberto de Araújo, Francisco Franco, Barata Feyo, Leopoldo de Almeida, Bettécourt, Álvaro de Brée, Rui Gameiro e Canto da Maia; as fotografias e montagens estavam a cargo dos fotógrafos Alvão, Mário Novais e Horácio Novais, entre outros. Criação do *Conselho de Estética Cidadina*, que funcionará consultivamente junto do Pelouro dos Serviços Culturais, tendo por fim emitir parecer sobre os problemas gerais de estética urbana e sobre as questões relacionadas com as transformações a realizar na cidade de Lisboa, de forma a evitar quaisquer atentados à arte, à tradição e à história da Capital (são vogais natos o Vereador do pelouro dos Serviços Culturais, que servirá de Presidente, e o Chefe do Conselho de Arquitectura da Câmara Municipal, que servirá de Secretário; será composto de 13 membros, sendo 2 representantes da Academia Nacional de Belas Artes, 2 representantes da Sociedade dos Arquitectos Portugueses, 1 representante da Sociedade Nacional de Belas Artes, 1 representante da Sociedade Nacional de Belas Artes, 1 representante da Sociedade Nacional de Escavações e Antiguidades, 1 representante da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1 representante do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia; 1 engenheiro do serviço do Município e 4 individualidades de reconhecido mérito, de livre escolha da Câmara).

³ *Diário de Lisboa* de 4 de Março de 1933.

⁴ VIEIRA, Santos – *Modernizemos a Capital! Lisboa carece duma urbanização condigna*. O *Diário de Lisboa* vai tomar a peito este problema numa série de entrevistas com artistas e críticos de arte. **Diário de Lisboa**. (7 de Julho de 1933). p.5.



VIEIRA, Santos – Modernizemos a Capital! Lisboa carece duma urbanização condigna. O Diário de Lisboa vai tomar a peito este problema numa série de entrevistas com artistas e críticos de arte. **Diário de Lisboa**. (7 de Julho de 1933). p.5.

Considerando que a Lisboa faltava arborização e um “plano progressivo”, apelava que fosse dado urgente «direito de cidade» ao arquitecto, através da sua presença nas “comissões e corporações cuja influência se reflecta na estética da capital”⁵, lamentando ainda que no “ensino do desenho nos liceus” nunca tenham sido “colocados arquitectos”⁶.

Perante a “monstruosidade predial da cidade nova” o articulista lamentava que só aos proprietários e construtores da “1ª zona de Lisboa”⁷ fosse obrigatório a submissão à Câmara de projectos da autoria de arquitectos. O jornal, com o propósito de ajudar a superar algumas dessas enfermidades de que padecia, publicou entrevistas efectuadas aos arquitectos Jorge Segurado, Paulino Montez, Eugénio Correia, Carlos Ramos, Adelino Nunes, António Varela, Raul Tojal, ao construtor Diamantino Tojal, ao Dr. Alberto Mac-Bride e ao engenheiro João Segurado e ainda aos arquitectos Cristino da Silva, Pardal Monteiro e Tertuliano Marques.

O arquitecto Jorge Segurado considerava que antes da resolução do problema da habitação era necessário exigir “a elaboração por parte do Estado, de um plano geral de urbanização de Lisboa”⁸. Numa antecipação ao programa da *Carta de Atenas* Jorge

⁵ “Entre os membros do Conselho Nacional de Turismo não figuram artistas ou críticos de arte; no Conselho Superior de Obras Públicas não está representada a Arquitectura; na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais os arquitectos não exercem a chefia principal, o que é ilógico, pois, sem predomínio do critério architectónico, ela não pode cumprir integralmente a sua missão; na Comissão Executiva das Obras do Palácio do Congresso da Republica é um engenheiro o presidente; na actual Comissão Administrativa do Município não existe diplomado de arquitectura algum; nas diversas comissões executivas de festas públicas rara tem sido a participação de um artista-superintendente”, in, VIEIRA, Santos – Modernizemos a Capital! Lisboa carece duma urbanização condigna. O Diário de Lisboa vai tomar a peito este problema numa série de entrevistas com artistas e críticos de arte. **Diário de Lisboa**. (7 Julho 1933).p.5.

⁶ O que seria muito “útil para os liceaistas que mais tarde houvesse de participar das edilidades”.

⁷ Em 1930 a Câmara Municipal de Lisboa publica em Edital o *Regulamento Geral da Construção Urbana para a cidade de Lisboa*, através do qual a cidade era dividida em três zonas de construção: 1ª zona ou Zona Principal onde surgem discriminados as principais Praças, Largos, Ruas e Avenidas; 2ª Zona de Construção ou Zona Média, que corresponde aos arruamentos não integrados na 1ª zona e incluídos dentro de uma linha iniciada no Poço do Bispo, Linha de Cintura, Sete Rios, Alcântara, Ponte Nova, Sul de Monsanto e Estrada de Circunvalação até Algés; 3ª zona ou Zona Exterior de Construção, a Lisboa não incluída nas duas zonas anteriores.

⁸ MODERNIZEMOS a Capital! Impõe-se a construção de bairros económicos. Como se poderia adquirir uma habitação mediante a amortização mensal de 80\$00, se o Estado fizesse aos construtores um financiamento ao juro de 3 por cento. **Diário de Lisboa**. (10 Julho 1933).p.5.

Segurado refere que se deviam construir “habitações blocais” separadas por amplos espaços de terreno livre, numa estrutura geral de cimento armado cujas despesas de conservação podem considerar-se reduzidíssimas”. Segundo este arquitecto dever-se-ia “atender a uma racional distribuição urbana de conjunto, em diversas zonas, por modo a satisfazer todos os elementos de urbanismo moderno” assim como a “necessidade de transportes” não esquecendo a criação de uma “volumosa massa de arborização”¹⁰. Finalmente apelava a uma redução dos juros de financiamento da construção de Bairros Económicos.



MODERNIZEMOS a Capital! Impõe-se a construção de bairros económicos. Como se poderia adquirir uma habitação mediante a amortização mensal de 80\$00, se o Estado fizesse aos construtores um financiamento ao juro de 3 por cento. **Diário de Lisboa.** (10 Julho 1933).p.5.

Na entrevista realizada a Paulino Montez, o arquitecto assumindo que o único ponto de partida para uma obra séria seria a elaboração de um plano geral, enaltece a obra de Sebastião José de Carvalho e Melo como imponente na história da urbanização de Lisboa, considerando que deveria servir “para um esforço de maior engrandecimento arquitectural”¹¹. Questionado sobre os recentes traçados, “refere que foram traçados sem que se lhes relacionasse qualquer preocupação de harmonias globais com os edifícios”, e no que dizia respeito às praças “refere que ficaram os sobejos de terreno que hoje as constituem e sobesam casinhas baixas, prédios esguios, empenas lisas, gradeamentos, remendos – de tudo um pouco numa desordem assombrosa”¹², dando os exemplos da

⁹ “Seriam servidos por escadas de franco acesso, e desfrutariam, em serviços comuns, águas quentes e frias, lavandarias mecânicas, balneários e recreios e jogos infantis, estes nos aludidos terrenos intervalares, que a isso se destinariam exclusivamente”, in, MODERNIZEMOS a Capital! Impõe-se a construção de bairros económicos. Como se poderia adquirir uma habitação mediante a amortização mensal de 80\$00, se o Estado fizesse aos construtores um financiamento ao juro de 3 por cento. **Diário de Lisboa.** (10 Julho 1933).p.5.

¹⁰ MODERNIZEMOS a Capital! Impõe-se a construção de bairros económicos. Como se poderia adquirir uma habitação mediante a amortização mensal de 80\$00, se o Estado fizesse aos construtores um financiamento ao juro de 3 por cento. **Diário de Lisboa.** (10 Julho 1933).p.5.

¹¹ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Uma cidade monumental, com um ar provinciano. O arquitecto Paulino Montez transmite-nos judiciosos reparos acerca das praças da capital. **Diário de Lisboa.** (14 Julho 1933).p.5.

¹² EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Uma cidade monumental, com um ar provinciano. O arquitecto Paulino Montez transmite-nos judiciosos reparos acerca das praças da capital. **Diário de Lisboa.** (14 Julho 1933).p.5.

Rotunda, da Praça de Saldanha, da Praça do Chile e da Praça de Mousinho [de Albuquerque]. Segundo o arquitecto essa desorientação teria como consequência a “falta de lugar para os edificios públicos”, que acabariam por ser erguidos em ruas estreitas ou “nas zonas excêntricas” onde faltava ambiente para a sua valorização.



EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Uma cidade monumental, com um ar provinciano. O arquitecto Paulino Montez transmite-nos judiciosos reparos acerca das praças da capital. **Diário de Lisboa**. (14 Julho 1933).p.5.

O arquitecto do Ministério das Obras Públicas Eugénio Correia que realizara “diversas viagens ao estrangeiro” com o intuito de estudar “a construção de miradouros, jardins e parques públicos”¹³, considerava que “o primeiro caso de miradouro frustrado” era a “margem sul do Tejo”, que em vez de ser constituída por avenidas e extensos jardins estava “atafuhada com muros, oficinas, armazéns e vagões”¹⁴. Chamava ainda a atenção para a falta que fazia a Lisboa avenidas ajardinadas, e jardins segundo modelos modernos.



EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Os jardins, parques e miradouros da capital. O arquitecto Eugénio Correia aponta-nos as faltas que se notam, nesse capítulo, e indica-nos algumas soluções práticas. **Diário de Lisboa**. (29 Julho 1933).p.5.

Na entrevista a Carlos Ramos, realizada no seu *atelier*, o arquitecto enuncia três obras que considera indispensáveis à cidade: uma Piscina-Balneário Central, um Stadium

¹³ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Os jardins, parques e miradouros da capital. O arquitecto Eugénio Correia aponta-nos as faltas que se notam, nesse capítulo, e indica-nos algumas soluções práticas. **Diário de Lisboa**. (29 Julho 1933).p.5.

¹⁴ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Os jardins, parques e miradouros da capital. O arquitecto Eugénio Correia aponta-nos as faltas que se notam, nesse capítulo, e indica-nos algumas soluções práticas. **Diário de Lisboa**. (29 Julho 1933).p.5.

Municipal e uma Cidade Universitária¹⁵. Segundo Carlos Ramos, a Cidade Universitária deveria ser construída nos amplos terrenos próximos do Campo Grande. Na sua planta geral, deviam estar previstas instalações comerciais e habitação, enunciando os exemplos das cidades universitárias de Lyon e Bruxelas. Deveria construir-se também um estádio municipal à "beira-rio, talvez nas proximidades da Junqueira, em frente ou ao lado da Cordoaria"¹⁶, dando como exemplo cidades que tinham estádios modelares: Berlim, Colónia e Chicago. Para além de duas grandes piscinas que deviam fazer parte deste estádio municipal deveriam existir outras mais pequenas disseminadas pela cidade.



EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A cidade universitária, o estádio municipal e as piscinas balneários. O que nos diz acerca destes problemas o architecto Carlos Ramos. **Diário de Lisboa**. (7 Agosto 1933).p.3.

O jovem architecto Adelino Nunes, colaborador desde 1924 no atelier de Carlos Ramos, considerava que os novos bairros de Lisboa, assim chamados porque tinham sido recentemente construídos, estavam cheios de “erros e caprichozinhos de construção que prejudicaram os respectivos conjuntos e afectaram o quadro geral da cidade, em holocausto a interesses meramente particulares”¹⁷. Eram bairros traçados segundo conveniências particulares, “favorecendo os proprietários dos terrenos”, dando como exemplo Campo de Ourique e o Bairro das Colónias. Chamava a atenção para as inclinações injustificáveis de algumas ruas de Campo de Ourique só justificáveis pelo facto da Câmara Municipal de Lisboa ter consentido que os construtores “não construíssem o colector na devida localização”, tendo sido utilizados canos existentes noutros pontos, já utilizados no escoamento de outras ruas, motivando aterros que tornavam “arrevesada a perspectiva dos arruamentos”¹⁸.

¹⁵ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A cidade universitária, o estádio municipal e as piscinas balneários. O que nos diz acerca destes problemas o architecto Carlos Ramos. **Diário de Lisboa**. (7 Agosto 1933).p.3.

¹⁶ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A cidade universitária, o estádio municipal e as piscinas balneários. O que nos diz acerca destes problemas o architecto Carlos Ramos. **Diário de Lisboa**. (7 Agosto 1933).p.3.

¹⁷ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A obra dos amadores de architectura nos bairros novos criticada com desassombro pelo architecto Adelino Nunes. **Diário de Lisboa**. (21 Agosto 1933).p.3.

¹⁸ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A obra dos amadores de architectura nos bairros novos criticada com desassombro pelo architecto Adelino Nunes. **Diário de Lisboa**. (21 Agosto 1933).p.3.



EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A obra dos amadores de arquitectura nos bairros novos criticada com desassombro pelo architecto Adelino Nunes. **Diário de Lisboa**. (21 Agosto 1933).p.3.

Nas ruas do Bairro das Colónias atacava a sua desproporção em relação à altura dos edifícios, e os deficientes casos de “edifícios de gaveto de ângulo muito agudo” que tornava opressivo o espaço interior das casas. Nesse bairro, segundo ele a arquitectura era “«robalesca»¹⁹ apesar dos autores dos respectivos projectos lhe chamarem «moderna»²⁰. Os proprietários tinham ao seu dispor os “daninhos amadores da arquitectura”, considerando que tal situação podia ser invertida se o ministro das Obras Públicas “tivesse a coragem de revogar uma disposição legal que permite a quase toda a gente o fazer traçados architectónicos”. Demonstrando o que afirmava, referia que no ano de 1932 tinham entrado 600 projectos na Repartição Técnica da Câmara Municipal, com requerimentos de aprovação e só dez de entre eles eram assinados por architectos, estabelecendo ainda uma comparação com a cidade do Porto, onde ao contrário de Lisboa, os proprietários “tanto os das lojas instaladas como os dos prédios, preferem utilizar o trabalho dos architectos”²¹.

Na entrevista realizada a António Varela, este tendo à sua frente a planta de Lisboa, considerava que a situação do trânsito em Lisboa reclamava um ataque rasgado, sugerindo que se devia fazer uma “nova ligação entre a cidade que flui ao longo da Avenida da Liberdade e a desembocadura da baixa pombalina e ainda outra ampla área central da Praça do Comércio com as zonas da vida longitudinal do porto”²².

¹⁹ Fazendo certamente referência ao construtor civil Jacinto Marques Robalo.

²⁰ “Os proprietários, influídos pelo bonito das chamadas artes decorativas, gastam rios de dinheiro a mandar executar nos prédios as caneluras, os dourados, os prateados, os fingidos, vendo-se estes a «caracterizar» fachadas inteiras que se pretende disfarçar de «mármore»; e portas de madeira que se quer impingir como de outra madeira, mais rica; os vestíbulos que preciosidade de «pires»! nas suas paredes vêem-se emoldurados feitos com rosas, nabos, laranjas, cravos, rabanetes e mais elementos da «graça vegetal». Ao centro surgem, quase sempre, ricos painéis figurando ou o castelo da Pena ou o Castelo dos Mouros”, in, EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A obra dos amadores de arquitectura nos bairros novos criticada com desassombro pelo architecto Adelino Nunes. **Diário de Lisboa**. (21 Agosto 1933).p.3.

²¹ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A obra dos amadores de arquitectura nos bairros novos criticada com desassombro pelo architecto Adelino Nunes. **Diário de Lisboa**. (21 Agosto 1933).p.3.

²² PELA urbanização condigna de Lisboa. Como se podem sanear as deficiências da capital que motivam as dificuldades do trânsito. Fala a esse respeito o professor e architecto sr. António Varela. **Diário de Lisboa**. (4 Setembro 1933).p.3.



PELA urbanização condigna de Lisboa. Como se podem sanear as deficiências da capital que motivam as dificuldades do trânsito. Fala a esse respeito o professor e architecto sr. António Varela. **Diário de Lisboa**. (4 Setembro 1933).p.3.

Fazendo já menção da projectada avenida marginal que terminaria em Cascais em estudo pelo architecto urbanista Alfred Agache, considerava que também não se podia deixar de “encarar a urgência de construir outra, para ligação da Praça do Comércio com o Poço do Bispo”. Criticava o facto de nos bairros novos se seguir o mesmo sistema de arruamento “dois passeios e uma placa de rodagem, insuficiente, devendo ser substituído pelo que se pratica em várias capitais estrangeiras, considerando que 16 a 18 metros deveria ser a mínima extensão de travessia da rua moderna”²³, censurando o facto de no bairro das colónias haver arruamentos com larguras inferiores a 10 metros que era a medida mais pequena consentida pela Câmara Municipal de Lisboa.

O architecto Raul Tojal “viajado pelas metrópoles grandes da Europa”, e auxiliar de Carlos Ramos, apelava à demolição do mercado da Praça da Figueira, e defendia a construção de novos mercados em Lisboa, usando como materiais de construção a pedra, o cimento e a cerâmica, devendo o projecto assumir o carácter “modernista, isto é racional no exacto sentido”²⁴.

Na entrevista ao médico e higienista Dr. Alberto Mac-Bride²⁵, Director da enfermaria do Hospital de S. José, é referido que “a assimilação perfeita dos princípios de urbanística de Lavedan, Corbusier e Agache devia ter motivado na inteligência do Dr. Alberto MacBride aquele enraizamento profundo que é a sua devoção pela Lisboa urbanizável”²⁶. Revelando um bom conhecimento dos mecanismos de funcionamento do Estado, começava por referir que antes de se iniciar um trabalho de higiene e de alindamento da cidade era “mister fundarmos a política da Cidade”. Questionado sobre o estado da higiene em Lisboa alertava para o estado muito deficiente, onde na maioria das casas o esgoto se fazia pela “corriqueira pia”, não havendo água encanada, sendo os interiores sombrios e as escadas imundas. Alberto MacBride considerava ainda que a

²³ PELA urbanização condigna de Lisboa. Como se podem sanear as deficiências da capital que motivam as dificuldades do trânsito. Fala a esse respeito o professor e architecto sr. António Varela. **Diário de Lisboa**. (4 Setembro 1933).p.3.

²⁴ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Lisboa não tem mercados que convenham à população. O que nos disse a esse respeito o architecto Raul Tojal. **Diário de Lisboa**. (10 Agosto 1933).p.3.

²⁵ “Foi oficialmente incumbido de ir visitar os serviços públicos de cirurgia em Espanha, França e Bélgica, depois de participar no Congresso da Fidac, a realizar-se agora em Marrocos; e ainda, de assistir ao Congresso Francês de Cirurgia, a efectuar-se em Paris, em Outubro próximo”, in, PELA urbanização condigna de Lisboa. As condições em que deve assentar a higiene cidadina. Algumas declarações interessantes e oportunas do dr. Alberto Mac-Bride. **Diário de Lisboa**. (18 Setembro 1933).p.3.

²⁶ PELA urbanização condigna de Lisboa. As condições em que deve assentar a higiene cidadina. Algumas declarações interessantes e oportunas do dr. Alberto Mac-Bride. **Diário de Lisboa**. (18 Setembro 1933).p.3.

criação de um bosque “modificaria beneficemente o clima lisboeta, que se tornaria menos seco e ventoso”²⁷.



PELA urbanização condigna de Lisboa. As condições em que deve assentar a higiene cidadina. Algumas declarações interessantes e oportunas do dr. Alberto Mac-Bride. **Diário de Lisboa**. (18 Setembro 1933).p.3.

O Engenheiro João Segurado, chefe da secção de Via e Obras da Companhia de Carris de Ferro de Lisboa, questionado sobre o problema dos esgotos em Lisboa, referia que “dados o enorme acidentado de Lisboa e a vastidão do seu estuário, afigura-se a muitas pessoas poder dar-se aos encanamentos a corrente precisa à rápida vazão das residuais e pluviais para o Tejo, em cujo volume de água, formidável, se disseminariam. O desenvolvimento da cidade nos sentidos norte e nascente veio, porém, complicar essa aparente solução. É que todos os novos canos construídos vão entroncar nos antigos esgotos (alguns pombalinos) com o que aumentam o seu caudal. E a este não podem dar vazão os velhos tubos, de secção acanhada”. O engenheiro referia ainda que em Lisboa se tinha “abusado da macadamização das ruas de grande pendente” e que em alturas de grandes chuvadas, as águas arrastavam “as areias do macadame para as sarjetas”²⁸ obstruindo os canos que acabariam por rebentar.



PELA urbanização condigna de Lisboa. Como remodelar a sua rede geral de esgotos. Acertados reparos e indicações do engenheiro sr. João Segurado. **Diário de Lisboa**. (25 Setembro 1933).p.3.

Já para o arquitecto Cristino da Silva nem mesmo sob a acção de Pombal Lisboa teve um projecto conjunto de urbanização. Criticando o Plano do engº Frederico Ressano Garcia fazia referência elogiosa ao plano de 1890 do engº Miguel Pais que previa o prolongamento da Avenida da Liberdade sobre o Parque da Liberdade até “uma

²⁷ PELA urbanização condigna de Lisboa. As condições em que deve assentar a higiene cidadina. Algumas declarações interessantes e oportunas do dr. Alberto Mac-Bride. **Diário de Lisboa**. (18 Setembro 1933).p.3.

²⁸ PELA urbanização condigna de Lisboa. Como remodelar a sua rede geral de esgotos. Acertados reparos e indicações do engenheiro sr. João Segurado. **Diário de Lisboa**. (25 Setembro 1933).p.3.

cumeada correspondente à cota mais alta da cidade e “onde se traçaria a Praça Marquês de Pombal”²⁹.



EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Impõe-se o prolongamento da Av. da Liberdade a nossa capital tem uma área igual à de Paris e superior à de Madrid. Cristino da Silva. **Diário de Lisboa**. (15 Julho 1933).p.5.

Referia depois que tinha oferecido à Câmara Municipal de Lisboa um estudo realizado em 1932, com o arranjo da citada zona, e “a construção das respectivas artérias monumentais, dirigidas às saídas principais de Lisboa”³⁰. Contudo, não deixava de salientar que o facto de ter elaborado o referido estudo não queria dizer que não concordasse também com “o desenvolvimento da cidade para a banda ocidental, ao longo da margem sul do Tejo”, e que era indispensável “um prévio plano de conjunto” abrangendo toda a área da capital, “em subordinação a um princípio homogéneo de composição vasta e lógica, impondo-se a todas as vereações o dever de respeitarem religiosamente as suas bases”. Chamava a atenção que essa era a prática nos principais Estados do Brasil, como o de São Paulo, ou ainda o exemplo do Rio de Janeiro, com o plano monumental do arquitecto Agache. Em relação à intenção da Câmara Municipal de Lisboa levar a efeito entre os arquitectos portugueses, um concurso de ideias para as soluções de urbanismo a aplicar em Lisboa manifestava-se totalmente contra, pelo facto de não existir uma planta actualizada da cidade sobre a qual fosse possível trabalhar.

Para o arquitecto Pardal Monteiro era indispensável “elaborar um plano de conjunto, uma determinação geral da urbanização lógica da cidade, através de um estudo analítico das suas possibilidades e das suas conjunturas, em frente de todas as suas perspectivas e numa síntese concebida com suficiente largueza”, numa cidade onde tudo era “trabalho em retalhos”. Lembrava o arquitecto paisagista Forestier que considerava “que só no espaço ainda sem construções se poderia efectivar qualquer trabalho de urbanização decente”. Segundo Pardal Monteiro, o projecto de desenvolvimento de qualquer cidade tem de “obedecer estritamente a influências naturais” o que o levava a definir o urbanismo “como o estudo geral das condições e expoentes de manutenção e progresso das urbes, relacionadas com um complexo de circunstâncias históricas, geográficas, sociais, económicas, jurídicas e artísticas”. Para a realização do “plano urbanizador” seria necessário “analisar as relações existentes entre a estrutura material e a feição

²⁹ EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Impõe-se o prolongamento da Av. da Liberdade a nossa capital tem uma área igual à de Paris e superior à de Madrid. Cristino da Silva. **Diário de Lisboa**. (15 Julho 1933).p.5.

³⁰ “O Lumiar, com a estrada para o Porto; e Benfica, servindo o triangulo turístico Sintra-Cascais-capital”, in, EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Impõe-se o prolongamento da Av. da Liberdade a nossa capital tem uma área igual à de Paris e superior à de Madrid. Cristino da Silva. **Diário de Lisboa**. (15 Julho 1933).p.5.

moral da cidade"³¹, não podendo deixar de depender do meio físico, sendo igualmente necessária uma regulamentação relativa à altura dos prédios e à superfície utilizável. Pardal Monteiro refere que embora o governo tivesse anunciado que iria principiar a resolução do problema geral das casas económicas, considerava que tal operação não seria eficaz devido à ausência de um plano de conjunto, particularmente a relação directa entre esse tipo de habitação e os respectivos transportes.



PELA urbanização condigna de Lisboa. É urgente elaborar um plano de conjunto diz-nos o arquitecto Pardal Monteiro. **Diário de Lisboa**. (29 Agosto 1933).p.5.

A propósito da falta de um plano de urbanização em Lisboa, não podemos deixar de referir a entrevista que o arquitecto Pardal Monteiro tinha dado ao jornal *O Globo* em 1930 considerando que olhar para Lisboa era “como ver um saco de retalhos”³² e defendendo que um novo plano urbanístico deveria dividir a cidade por “zonas, colocando a um lado a parte comercial, a outro a industrial, a outro ainda a habitação” à semelhança do que se fazia noutras capitais europeias onde se construíam bairros modernos ao lado da capital³³.



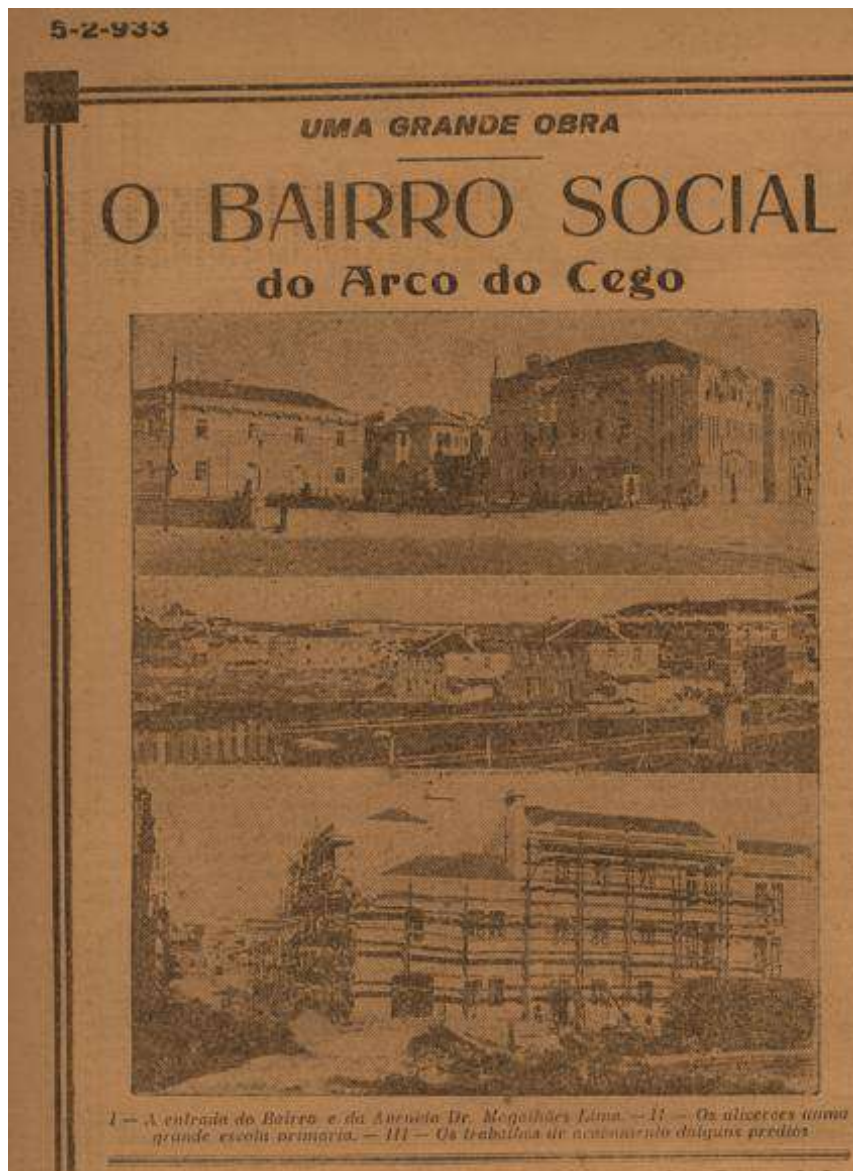
LISBOA do nosso tempo. O Bairro Social do Arco do Cego é já hoje uma realidade magnífica, in, **Diário de Lisboa** (4 Fevereiro de 1933), p. 5.

³¹ PELA urbanização condigna de Lisboa. É urgente elaborar um plano de conjunto diz-nos o arquitecto Pardal Monteiro. **Diário de Lisboa**. (29 Agosto 1933).p.5.

³² A CONSTRUÇÃO moderna. Entrevista com o arquitecto Pardal Monteiro. **O Globo**. Nº 25, ano I, (26 Julho 1930).p.6.

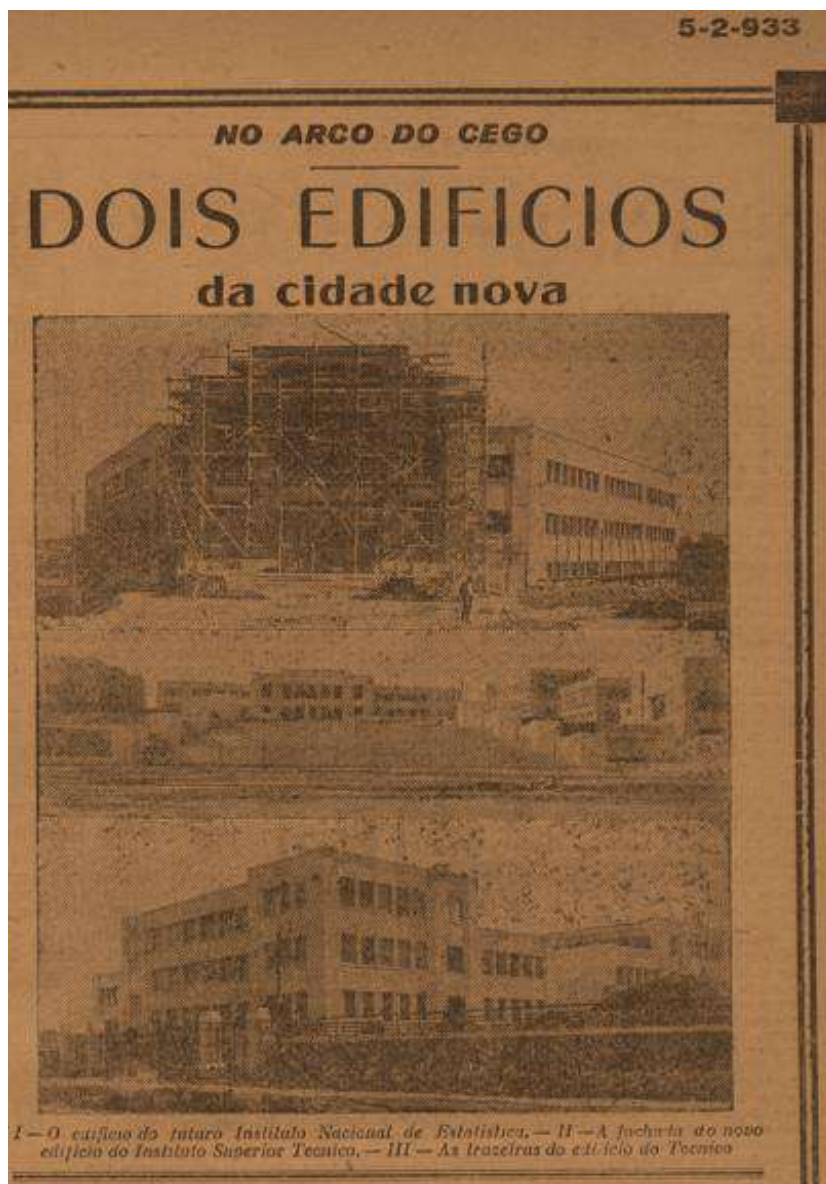
³³ A CONSTRUÇÃO moderna. Entrevista com o arquitecto Pardal Monteiro. **O Globo**. Nº 25, ano I, (26 Julho 1930).p.6.

Numa notícia elogiando o Bairro do Arco do Cego era referido que “o estilo e as dimensões dos edifícios variam, desde a casa grande e moderna, lembrando algumas das novas construções das cidades alemãs, até ao prédio pequeno e a «chalet» independente, com o seu jardimzinho. Mas todas as edificações são feitas em obediência aos preceitos modernos, e não falta nelas o ar nem a luz, como em grande parte da Lisboa antiga... (...) mas, naquela zona, não é só o Bairro Social que provoca a nossa admiração” passando de seguida a uma clara propaganda do “vasto e magnífico edifício do IST e do INE” e das “ruas e avenidas que, por toda a parte surgem, numa azáfama que dão a quem por lá passa uma sensação admirável de vida, de actividade, de progresso...”³⁴.



Uma grande obra. O Bairro Social do Arco do Cego, in, **Diário de Lisboa** (5 Fevereiro de 1933), p. 4.

³⁴ LISBOA do nosso tempo. O Bairro Social do Arco do Cego é já hoje uma realidade magnífica, in, **Diário de Lisboa** (4 Fevereiro de 1933), p. 5.



No arco do Cego dois edifícios da Cidade Nova, in, **Diário de Lisboa** (5 Fevereiro de 1933), p. 5.



Um Plano de Realizações. Todos os desempregados vão ter trabalho dentro de pouco tempo, diz-nos o ministro de Obras Públicas, in, **Diário de Lisboa** (24 Fevereiro de 1933), p. 4.

Era também anunciado que o ministro das Obras Públicas engenheiro Duarte Pacheco, que vinha “desenvolvendo uma acção altamente proveitosa para o país (...) acedeu prontamente a falar ao redactor do jornal começando por dizer: «seria fastidioso enumerar as dezenas e dezenas de obras, centenas mesmo, que por todo o país se vão iniciar dentro de pouco tempo”, no entanto, não deixa de as enumerar e de salientar que se ficaram a dever ao “governo do sr. dr. Oliveira Salazar disponibilizando as verbas necessárias”, e questionado se com a execução de todos esses trabalhos, ficaria resolvido o problema do desemprego respondeu que estava certo disso “pelo menos da classe de construção civil e metalúrgica todos os desempregados ficarão com trabalho por largo tempo”³⁵.

Neste conjunto de notícias sobre a cidade de Lisboa em debate, fica claramente exibido o valor da palavra como imagem e como criação de uma memória colectiva.

Considerações Finais

Em Lisboa, a política de Obras Públicas, ancorada numa eficaz e rara articulação da legislação, da arquitectura e do urbanismo, assumiu-se como primeira superação da prática oitocentista de reciclagem de conventos devolutos, através da construção de raiz das mais diversas tipologias, assumindo-se também como uma substituição da vertente monumental classicista, por via da cultura do progresso das grandes realizações.

A vertente das Obras Públicas é a principal criação deste período e sua imagem representativa, assumindo particular destaque a figura do engenheiro Duarte Pacheco, e o seu Ministério das Obras Públicas e Comunicações, tendo Lisboa como palco privilegiado da acção realizadora.

Duarte Pacheco, à semelhança do modelo italiano de propaganda, usou a imprensa diária para promover as realizações das obras públicas. Por outro lado, esta imprensa, nomeadamente o jornal *Diário de Lisboa*, entrevistava e questionava os arquitectos sobre as questões da cidade, lançando inquéritos, campanhas e concursos. Todos desejavam um desenvolvimento da cidade integrado, todos desejavam exhibir a Capital.

Bibliografia

A CONSTRUÇÃO moderna. Entrevista com o arquitecto Pardal Monteiro. **O Globo**. Nº 25, ano I, (26 Julho 1930).p.6.

ANDRÉ, Paula – As Cidades da Cidade. Lisboa na primeira metade do séc. XX: nova Lisboa (1936) e Lisboa nova (1948), in, **Revista Urbana. Dossiê História Urbana: a configuração de um campo conceitual**, UNICAMP, 2015, v. 7, n. 10, jan /ago, p. 89-111.

ANDRÉ, Paula – Fotografia: dinâmicas, discursos e impactos da imagem nas exposições de arquitectura, in, **Revelar: revista de Estudos de Fotografia e Imagem**, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2016, nº1,pp. 176-192.

ARENDT, Hannah – **Verdade e Política**. Lisboa: Relógio d’Água, 1967.

³⁵ Um Plano de Realizações. Todos os desempregados vão ter trabalho dentro de pouco tempo, diz-nos o ministro de Obras Públicas, in, **Diário de Lisboa** (24 Fevereiro de 1933), p. 4.

BENDER, T. – **The unfinished city. New York and the Metropolitan Idea.** New York: The New Press, 2001.

BOURDIN, Alain – **O urbanismo depois da crise.** Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

BRETT, David – **The Construction of Heritage.** Cork, Cork University Press, 1996.

BUCHLOH, B., - From faktura to factography, in, *October*, 1984, Vol. 30, 82-119.

CAMPOS, Martha – **Vazios Operativos da Cidade. Territórios interurbanos na Grande Vitória.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. Tese Doutoramento.

CAPEL SAEZ, H. (Coord.) – **Ciudades, arquitectura y espacio urbano.** Almeria: Instituto Cajamar, 2003, p. 9-22.

CERTEAU, Michel de – **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Pretopolis, Ed. Vozes, 1994.

CIDADES PERFORMÁTICAS: uma discussão sobre arte, arquitectura e espaço público, 2014.

<http://www.archdaily.com.br/br/758604/transmissao-ao-vivo-do-evento-cidadesperformaticas-promovido-pelo-aruturo>

CORBOZ, André – El Territorio como palimpsesto, In, MARTIN RAMOS, Ángel ed. Lit, **Lo Urbano en 20 autores contemporáneos.** Barcelona: ediciones UPC, 2004.

D'ORS, Victor – Confesión de un arquitecto, **F.E. Doctrina del Estado nacionalsindicalista,** (1938), nº. 2.

EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Uma cidade monumental, com um ar provinciano. O arquitecto Paulino Montez transmite-nos judiciosos reparos acerca das praças da capital. **Diário de Lisboa.** (14 Julho 1933).p.5.

EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Impõe-se o prolongamento da Av. Da Liberdade a nossa capital tem uma área igual à de Paris e superior à de Madrid. Cristino da Silva. **Diário de Lisboa.** (15 Julho 1933).p.5.

EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Os jardins, parques e miradouros da capital. O arquitecto Eugénio Correia aponta-nos as faltas que se notam, nesse capítulo, e indica-nos algumas soluções práticas. **Diário de Lisboa.** (29 Julho 1933).p.5.

EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A cidade universitária, o estádio municipal e as piscinas balneários. O que nos diz acerca destes problemas o arquitecto Carlos Ramos. **Diário de Lisboa.** (7 Agosto 1933).p.3.

EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. Lisboa não tem mercados que convenham à população. O que nos disse a esse respeito o arquitecto Raul Tojal. **Diário de Lisboa.** (10 Agosto 1933).p.3.

EM PROL da urbanização condigna de Lisboa. A obra dos amadores de arquitectura nos bairros novos criticada com desassombro pelo arquitecto Adelino Nunes. **Diário de Lisboa**. (21 Agosto 1933).p.3.

FARIÑA TOJO, J. – Una ciudad más próxima. **El País Internacional**. 2015 (28 Junio).

GLAESER, Edward – **El triunfo de las ciudades**. Madrid: Taurus, (2011).

GRAHAM, Brian – Heritage as Knowledge: Capital or Culture?, in, **Urban Studies**, 2002, Vol.39, Nos.5-6, p.1003-1017.

GRAHAM, Brian; ASHWORTH, Gregory; TUNBRIDGE, John – **A Geography of Heritage: Power, Culture and Economy**. London : Arnold Publishers, 2000.

MODERNIZEMOS a Capital! Impõe-se a construção de bairros económicos. Como se poderia adquirir uma habitação mediante a amortização mensal de 80\$00, se o Estado fizesse aos construtores um financiamento ao juro de 3 por cento. **Diário de Lisboa**. (10 Julho 1933).p.5.

PELA urbanização condigna de Lisboa. É urgente elaborar um plano de conjunto diz-nos o arquitecto Pardal Monteiro. **Diário de Lisboa**. (29 Agosto 1933).p.5.

PELA urbanização condigna de Lisboa. Como se podem sanear as deficiências da capital que motivam as dificuldades do trânsito. Fala a esse respeito o professor e arquitecto sr. António Varela. **Diário de Lisboa**. (4 Setembro 1933).p.3.

PELA urbanização condigna de Lisboa. As condições em que deve assentar a higiene citadina. Algumas declarações interessantes e oportunas do dr. Alberto Mac-Bride. **Diário de Lisboa**. (18 Setembro 1933).p.3.

PELA urbanização condigna de Lisboa. Como remodelar a sua rede geral de esgotos. Acertados reparos e indicações do engenheiro sr. João Segurado. **Diário de Lisboa**. (25 Setembro 1933).p.3.

RIBALTA, J., - Espacios Fotograficos Públicos. Exposiciones de Propaganda, de Pessa a The Family of Man, 1928-1955. In **Archivo Universal. La condición del documento y la utopia fotográfica moderna**. Barcelona: Museu d'Art Contemporari de Barcelona, 2008, p. 22-37.

SANTOS; Boaventura Sousa – Hoje na política há mais emoções que argumentos, in, **Semana**, Bogotá, (22-04-2017) <http://www.semana.com/cultura/articulo/hoy-en-la-politica-hay-mas-emociones-que-argumentos/522850>

SASSEN, S. – **Expulsions – Brutality and Complexity in the Global Economy**. Harvard: University Press, 2014.

SMITH, Laurajane – El “espejo patrimonial”. Ilusión narcisista o reflexiones multiples? **Antípoda**, 2011, nº 12, Jan. – Jun., p. 39-66.

Um Plano de Realizações. Todos os desempregados vão ter trabalho dentro de pouco

tempo, diz-nos o ministro de Obras Públicas, in, **Diário de Lisboa** (24 Fevereiro de 1933), p. 4.

Uma grande obra. O Bairro Social do Arco do Cego; No arco do Cego dois edifícios da Cidade Nova, in, **Diário de Lisboa** (5 Fevereiro de 1933), p. 5.

UMA INICIATIVA Admirável. Casas “bungalows” para operários que resolvem o problema dos bairros de lata. **Diário de Lisboa**. (4 de Abril de 1938).p.5.

VIEIRA, Santos – Modernizemos a Capital! Lisboa carece duma urbanização condigna. O Diário de Lisboa vai tomar a peito este problema numa série de entrevistas com artistas e críticos de arte. **Diário de Lisboa**. (7 de Julho de 1933). p.5.



www.dinamiacet.iscte-iul.pt
www.facebook.com/dinamiacetiul

Organização



DINAMIA'CET
CENTRO DE ESTUDOS SOBRE A AJUDA
SOCIOECONÓMICA E O TERRITÓRIO
ISCTE-IUL

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Apoios



El Corte Inglés